

CORPOREIDADES ANCESTRAIS: TRANSFORMANDO E REDIMENSIONANDO A PESQUISA EM DANÇA - QUAIS OS CAMINHOS PERCORRIDOS POR ESSAS ENCRUZILHADAS?

Flávio Campos, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM¹

KatyaGualter, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ²

RESUMO

Como a sua pesquisa diz “basta” para o silenciamento e a invisibilização dos corpos marginalizados e subalternizados? Suas abordagens artístico-pedagógicas atuam na contramão do epistemicídio das diversidades que, na maioria das vezes, não integram a narrativa hegemônica na historiografia da corporeidade brasileira? A partir desses questionamentos e de seus desdobramentos, pretendemos, com o presente trabalho, dar continuidade as partilhas iniciadas por nós duas há alguns anos. A proposta é seguir a metodologia de trocas de cartas com apresentações, respostas e novas perguntas sobre nossos “fazer” (trazendo junto “pensares”, sem dicotomias) nas encruzilhadas onde a pesquisa, o ensino, a extensão e a gestão não se sobrepõem entre si, ou seja, interação continuamente, a partir do conhecimento produzido em dança. Nossa correspondência busca construir um discurso vivo, coeso e coerente com nossos modos plurais de seguir dançando para resistir e existir. Na contramão de instituir modelos ou exemplos, investimos em compartilhar e expressar, dentro das nossas realidades pessoais e profissionais, os nossos anseios, angústias e realizações, na tentativa de descobrir e trocar modos diversos e contra hegemônicos para danças libertárias, potentes e transformadoras.

PALAVRAS-CHAVE

Pesquisas em Danças; Ancestralidades; Corporeidades; Encruzilhadas; Contra Colonialismo;

¹Professor Adjunto do Curso de Dança Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria. Bailarino-Pesquisador-Intérprete, Diretor no Método BPI. Coordenador do Grupo de Pesquisa (CNPq) Processo BPI: formação e criação em Dança do Brasil e o Laboratório BPI. É integrante do Núcleo de Pesquisa em Artes da Cena - NUPAC/UFSM, do Núcleo BPI e do Grupo de Pesquisa (CNPq) BPI e Dança do Brasil, ambos da UNICAMP.

²Artista docente e pesquisadora da Dança/UFRJ. Diretora da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ. Coordenadora do Laboratório PECDAN (Pesquisa em Cinema e Dança)/UFRJ - Projeto Poéticas no cotidiano sob olhares de Exu e Pombagira. Integrante do GrupAR. Mulher preta. Doutora em Artes da Cena pela UNICAMP.

ANCESTRAL CORPOREITIES: TRANSFORMING AND RESIZING DANCE RESEARCH - WHAT ARE THE PATHS THROUGH THESE CROSSROADS?

ABSTRACT

How does your research say "enough" to the silencing and invisibilization of marginalized and subalternized bodies? Do your artistic-pedagogical approaches work against the epistemicide of the diversities that, most of the times, do not integrated in the hegemonic narrative in the Brazilian historiography of corporeality? Based on these questions and their unfolding, we intend, with the present work, to continue the sharing started by the two of us some years ago. The proposal is to follow the methodology of exchanging letters with presentations, answers and new questions about our "doings" (together with our "thinkings", without dichotomies) at the crossroads where research, teaching, extension, and management do not overlap, i.e. they continuously interact on the basis of the knowledge produced in dance. Our correspondence seeks to construct a living, cohesive discourse that is coherent with our plural ways of continuing to dance in order to resist and exist. Contrary to setting models or examples, we invested in sharing and expressing, within our personal and professional realities, our longings, anxieties, and achievements, in an attempt to discover and exchange diverse and counter-hegemonic ways for liberating, powerful, and transforming dances.

KEYWORDS

Dance Research; Ancestralities; Corporeities; Crossroads; Counter Colonialism;

PREÂMBULO

Esse texto foi construído a partir da troca de cartas entre suas autoras e dá continuidade a uma prática que foi iniciada no ano de 2020 (CAMPOS, GUALTER, 2020) e pode ser conferida no e-book publicado pela ABRACE disponível em <https://drive.google.com/drive/folders/1tBvQ6qzncUr5i17IiyvnFXgSxCWZowzb> (Encruzilhadas e Entrelaçamentos: trocas interinstitucionais – pág. 515). A leitura do texto supracitado complementa, de certa forma, o texto aqui apresentado, uma vez que, ali as autoras contam um pouco de como se conheceram, de como suas atuações estão conectadas e, conseqüentemente, falam da encruzilhada entre seus desejos e fazeres.

Acreditamos nessa forma de escrita como um modo mais sensível e potente para trocas de conhecimento e produções de experiências para reavivar aquilo que anda

adormecido e/ou esquecido dentro dos corpos que por vezes insistem em manter as hegemonias e práticas coloniais, excludentes e etnocêntricas.

Carta 01

Querida amiga Katya, espero que tudo e todas em sua família estejam bem! Por aqui, seguimos na intensidade desse momento que já nem sei mais classificar. Vamos resistindo, tentando reinventar e ressignificar cada dia para nós, adultos, e para as crianças. Então, eu inicio aqui trazendo o canto com o qual finalizamos nossa Gira/Xirê no encontro de 2021 do Grupo de Pesquisadores em Dança da ABRACE, saudando a ancestralidade e sua sabedoria circular hoje, ontem e sempre:

*“Vim num navio de Aruanda, Aruanda ê,
Vim num navio de Aruanda, Aruanda á.
Por que me trouxeram de Aruanda?
Pra que me trouxeram de Aruanda?
Vim num navio de Aruanda, Aruanda ê...”*

Retomo nossa correspondência depois de ter precisado de um largo tempo para reorganizar todos os afazeres disso que agora não é tão cindido – trabalho-casa-família. E começo lhe agradecendo, uma vez mais, pela parceria e pelo compartilhamento do trabalho junto ao Grupo de Pesquisadores em Dança da ABRACE e na organização-realização do XI Congresso. Foi intensa e repleta de muitos bons encontros aquela semana. Consegui acompanhar algumas atividades mais de perto e outras nem tanto. E olha que aqui em casa contamos com a colaboração da minha mãe que veio, no meio da pandemia, dar uma grande ajuda com as crianças e a casa.

Meu agradecimento se estende também à belíssima participação do Xandy Carvalho, que fez com que nossa ideia para essa grande Gira pudesse ser, literalmente, corporificada no espaço tempo do mundo virtual. Obrigado por acreditar e criar junto tão lindo traçado para esse nosso encontro em 2021. Foi incrível começar e terminar com o atabaque, no toque sensível, potente e vivo do Xandy, somado às nossas âncoras e referenciais voltados para os saberes ancestrais e na problematização que ali apresentamos. Tudo isso foi regenerador! Obrigado minha irmã e parceira!

Como disse, precisei de um tempo para me reorganizar depois de tanta intensidade! Ainda bem que conseguimos nos falar, mesmo que rapidamente, pelo telefone, pois com isso eu ia conseguindo manter o fogo aceso até poder retornar para essa escrita.

Quero iniciar nossa conversa trazendo à tona a pergunta que nos mobilizou e que, se bem entendo, ainda incendeia nossas práticas e reflexões mesmo após o encontro: Como é que a sua pesquisa diz “basta” para o silenciamento e a invisibilização dos corpos marginalizados e subalternizados?

Devo confessar que, ao mesmo tempo que sou tentado a responder com outras provocações, sou também tomado de um silêncio profundo. Algo dessa nossa pergunta me faz parar e contemplar a encruzilhada em que nós estamos. Contemplo, contudo, com um misto de muitas emoções essa confluência de possibilidades, ao passo que me lanço outra questão: estaríamos todas nós pensando sobre isso ao mesmo tempo?

Do silenciar profundo que essa nossa encruzilhada me lança, sou tentado a buscar outras pistas em meio a tanta coisa que ainda preciso, ou precisamos, rever em nossos fazeres nesse paradigma artes da cena/dança/ancestralidade/acadêmica/gestão/pesquisa-ensino-extensão. A academia e suas/seus fazedores e mantenedores tem a urgência em encarar essa pergunta. Ao compreender o tamanho disso é que compartilho e te convido a me contar como é que você tem feito e está vendo meios eficazes de incorporar esses saberes e fazeres em suas práticas cotidianas dentro da academia? Sinto e tenho o maior desejo que a circularidade, os saberes orgânicos, a confluência e/ou a transfluência, do Nego Bispo, estejam inseridas e sejam validadas em minhas práticas artístico-pedagógicas dentro da universidade, mas ainda esbarro em certas burocracias e formalizações que acabam por me apartar ou afastar de tudo isso. E é por isso que te pergunto, minha amiga: como e o que podemos fazer para que cada vez mais esses modos de existir e resistir façam parte dos nossos currículos, assim como de nossas ações – pragmaticamente falando – nas poéticas e nas estéticas daquilo que produzimos nas artes da cena? E, claro, quais os cuidados que precisamos manter para que não sigamos reproduzindo modos colonialistas e de indevida apropriação cultural?

É curioso perceber, amiga Katya, que muito dessa minha preocupação é também nutrida pelo contato e retorno com algumas alunas e alunos, e não vem só a partir da perspectiva das e dos colegas docentes. Digo isso, pois, muitas vezes, sou surpreendido, em sala de aula, por uma preconceção de dança que já vem embotada e lustrada pelo mais perverso racismo estrutural, e por um comportamento hegemônico colonial pré-formatado – que de pronto me pergunto: consolidado por quais perspectivas formativas? Sou tomado de assalto por pedidos de que eu ensine logo os passos e as “dancinhas” para que esse conteúdo possa ser utilizado nos seus estágios e práticas daquele mesmo

dia. Por favor, minha amiga, me conte, como você fez ou faz quando se depara com esse tipo de atitude? Ou mais, quando surge certa autorização ou regulação discursiva, para frisar aqui o termo de Djamila Ribeiro (2017) que você mesma me apresentou, que tenta me autuar dizendo sobre o que e como posso dizer sobre isso ou aquilo.

Diante de tudo isso amiga, espero que eu tenha conseguido apresentar minha aflição e dúvida, eu gostaria de te ouvir na sua vasta experiência tanto acadêmica, quanto na ancestralidade corporificada na sua vivência do dia a dia, sobre como todos esses saberes se articulam e fortalecem sua prática. Quero te contar, ainda, estou devorando o livro do Luiz Antônio Simas e do Luiz Rufino (2018) – Fogo no Mato: A Ciência Encantada das Macumbas – e estou encantado! Que alegria de encontro e que felicidade ler cada um daqueles ensaios. Além disso, quero muito ouvir mais sobre os estudos do Xandy, penso que as contribuições dele podem trazer mais substrato para essas minhas questões.

No mais, minha irmã, vou encerrando por aqui pois acredito que, como retomada da nossa conversa, já consegui fazer subir muita poeira. Bora seguir andando, ou melhor, vamos seguir girando no meio dessa encruzilhada pois acredito que é ali que as respostas podem surgir.

Fique com o meu abraço e carinho de sempre!

Que os orixás e todos os seres de luz sigam te iluminando!

Salve, salve!! Laroyê!

Seu amigo e irmão,

Flávio Campos

Carta 02

Meu queridíssimo Amigo Airmã Oparceira Flávia E,

Em primeiríssimo lugar, muitos beijos nos corações da linda Lidia, do pequenino Nelson e da não mais pequenina Ananda!!!! Fico feliz por saber que vocês seguem resistindo, reinventando e ressignificando. É incrível conseguirmos nos manter nesse movimento em meio ao turbilhão de desafetos gerados pelo desrespeito à vida humana no desequilibrado combate à COVID-19 (com vacinas não imunizantes e transportes públicos lotados, por exemplo), e na proliferação, em igual proporção de risco, do “vírus SUEP” (vírus sóciopolítico-governamental do SUcateamento ao Ensino

Público, gratuito e de qualidade) que persiste adoecendo a Universidade Pública Brasileira.

Como você minha irmão, também precisei de um tempo estendido para reorganizar todos os afazeres que requerem muita mobilização no trânsito de limiares muito tênues entre o exercício da profissão e as demandas domésticas da casa (estrutura física e familiar), na Vida via remota.

Lhe agradecer seria muito pouco diante do enorme crescimento proporcionado pelas confluências que vivemos juntEs a cada trabalho. No passar dos anos, experimentamos, nos redescobrimos na interação entre nós, expandindo e firmando territórios principalmente da escuta, das interrogações, das reticências, para que a(s) outra(s) possa(m) completar as frases, os pensamentos, as ações, reconstituindo os movimentos no tempo e no espaço, nos deslocamentos, durante as aproximações.

De fato, a parceria e o compartilhamento junto ao Grupo de Pesquisadores em Dança da ABRACE e a organização-realização do XI Congresso, nesse ano de 2021, foram muito intensos e transbordantes de afetos críticos. Todas as atividades que planejamos e aplicamos se basearam em estímulos a partir das escutas nas relações de cada pessoa consigo mesma, com os seus lugares de afetos e na expansão, ampliação dessas conexões no envolvimento com as outras pessoas. O fio condutor incidiu na busca das ancestralidades como inspirações criadoras formativas, tomando como referência “o sentir no corpo” a vibração do tambor e interagir com ele, compondo poesias corporais que evocam magias de empoderamento.

E, nessa onda de vibrações mágicas, Xandy Carvalho, nosso convidado, artista docente pesquisador, integrante da Cia Folclórica do Rio/UFRJ, Coordenador do PADE (Projeto Africanidade na Dança Educação)/UFRJ e Babalorixá, além de meu também amigo e irmão preto, nos brindou com os seus talentos de músico percussionista e cantor, em cantigas populares de domínio público da Umbanda, do Jongo e de outras coletividades tradicionais.

O PADE ressalta no terreiro a potencial função de atualizar e materializar os mitos, em um universo não dicotômico entre físico e espiritual, material e imaterial, produzindo símbolos e códigos, que deixam aos que participam de seu dia-a-dia saberes ancestrais transmitidos pela oralidade. No cruzamento dos espaços entre educação, arte e religiosidade como manifestação cultural, o PADE caminha, apresentando a cultura das Comunidades de Terreiro de Candomblé de Ketu e afirmando sua importância, desfazendo o olhar de estranhamento, preconceito e intolerância religiosa em nossa

sociedade. O respeito e o elogio à diversidade precisam incluir essa manifestação cultural religiosa afro-brasileira que compõe nossos corpos afros e brasileiros, considerando ainda que 54% da população brasileira é preta e, indubitavelmente, temos uma ancestralidade africana (SANTOS, 2019; DAMASCENO, SANTOS, 2020).

Compartilhei uma descrição sucinta sobre o belo e poderoso PADE, cujos fazeres vêm destacar as confluências entre comunidades de terreiro e universidade nos sentidos mais plurais da Arte, da Educação e da Gestão pública. Nas Referências, estão relacionados textos com abordagens mais profundas e detalhadas.

Nessa direção de entendimento, meu irmão FlaviE, precisamos mesmo é confluenciar, como nos propõe Antônio Bispo dos Santos (2015). Segundo ele, a confluência vai além do encontro, pois acontece no espaço de convergência, das experiências acumuladas por cada um, até chegar ali. Confluenciar traz a ideia de fluir com, partilhar com, compartilhar em fluências, no movimento contínuo de interação, em atravessamentos, trânsitos pelas lentes, pontos de vista, sensações do outro, no sentido de que o exercício de compartilhar as próprias experiências e de se aproximar da experiência do outro provoca deslocamentos geradores de fecundidades, de saberes orgânicos.

Vivemos em uma época, hoje, em que precisamos fortalecer alianças através da criação de espaços de aglutinação, de inclusão. Nossos fazeres e convivências nos confirmam que o movimento de circularização - a gira - pode concorrer para tais firmamentos de espaços, na medida em que agrega, inclui, aglutina, subvertendo a realidade posta, que ao prosseguir girando em cada uma de nós, pessoas múltiplas/corpos diversos, transforma e é transformada.

Sob essa perspectiva “girante”, as circularidades – o espaço Roda que não para de girar -, pressupõem pontos de convergência em movimento. O espaço Roda, a gira nos oferece o alerta para estarmos atentos àquilo que os olhos não apreendem e receber o entorno por sentidos que se fazem presentes e expandem os limites entre o corpo e o espaço, construindo coabitares, onde Ancestralidades e Encantamentos geram forças aglutinadoras na formação de Corporeidades fortemente influenciadas pelo Coletivo. Em prolongamentos contínuos que jamais se esgotam, os corpos em sua ampla diversidade produzem mapas que aquiescem, a cada prolongamento, novos e novos contornos.

Nessa gira dançada, nessa dança que gira, comungamos eu, você e o Xandy no exercício persistente de escapar do universo onde se circunscrevem as convenções, os

estereótipos, os condicionamentos, a legitimação de manobras de subalternização que afirmam o poder da opressão sobre o outro, o que desarticula os processos interativos onde o exercício do poder reside nos fazeres de uns pelos outros, e todos seguem empoderados expandindo suas potências nas circularidades, confluências e transfluências. Então, meu amado amigo irmão FlaviE, a pergunta é: poder para poder fazer o quê?

Precisamos, meu irmão, espriar um entendimento sobre Ancestralidades enquanto movimento, destituindo a noção pueril de algo que está estagnado lá atrás. Sim, é necessário olhar para trás, mas para reconhecer, lembrar no corpo de onde viemos e assim, prosseguir no “aqui e agora” como sendo lugares de atualizações que, a cada vez que se deslocam, nas contínuas interações das pessoas consigo mesmas, com as outras e com os múltiplos universos simbólicos circundantes, anunciam futuros congruentes aos diferentes Corpos com direitos, oportunidades e privilégios em patamares igualitários, sem estereotípias, sem distinção de etnia, de gênero, de orientação sexual, de geração etária.

Essas são as nossas emergências da e na formação em dança. Temos urgência por Corpos Girantes.

Na continuidade, sigo compartilhando contigo sobre os meus fazeres, perseguindo atitudes e ações de confluenciar. Volto à contação do GrupAR iniciada nas trocas de cartas entre nós em 2020.

Na mobilização de forças aglutinadoras e de saberes orgânicos, o GrupAR foi fundado em 2018 e hoje integra 15 instituições formais e não formais de ensino, arte e cultura, entre os estados do Rio de Janeiro, Brasília, Bahia, Minas Gerais e Pernambuco. A escolha do nome GrupAR (Grupo de Pesquisa Ancestralidades em Rede) advém da extrema urgência gerada pelos apagamentos presentes na história da corporeidade brasileira, dos corpos deslembados. A inter-relação “pensar-sentir-fazer” traz para o centro do debate as Ancestralidades na sua ampla diversidade, fortalecendo laços e tessituras, as quais configuram horizontalidades entre saberes, potencialidades e entre os(a) pesquisadores e mestras(es) populares interatuantes. O GrupAR investe no encontro entre as culturas oral e escrita, nas confluências de saberes e danças pretas, saberes e danças dos povos originários e de outras comunidades tradicionais em espaços diversos de formação na contemporaneidade. É nesse sentido que o GrupAR confluencia com o Programa Nacional Encontro de Saberes na UnB, cujo objetivo central é promover a inclusão dos saberes e práticas tradicionais no ensino superior, em relações

equiparadas entre mestres/mestras das culturas tradicionais e docentes das universidades (GUALTER, COSTA, BRAGA, BARRETO DA SILVA, SILVA, 2020).

Com base nessas premissas, ministramos, em julho/2019, o **Minicurso Ojú Ará Dudu - Corpo Negro: Memórias em Movimento**, no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro (CCO), para artistas latino-americanos do Iberescena (Residência Especial Criadores Negros na Dança). Em residência no local, 12 brasileiros e 10 estrangeiros (Colômbia, El Salvador, Uruguai, Paraguai, Peru, México, Chile, Espanha). Corpos pretos diversos propagaram e compartilharam memórias, pensamentos e tradições de técnicas corporais afroreferenciadas efervescentes em cada artista. As danças, composições e capacitações foram propostas a partir de um projeto político-pedagógico de resistência, com o objetivo de mobilizar e incitar ações táticas e permanentes de recriação da linguagem da dança negra em múltiplos espaços da formação continuada (DAMASCENO, GUALTER, SANTOS, SILVA, 2021).

Em 2019, a UFRJ realizou, em atendimento às demandas das Graduações em Dança, o primeiro concurso para docente no setor **Dança e relações étnico-raciais**. Nesse mesmo ano e, agora, em 2021, as docentes Eleonora Gabriel, Samira Costa e os docentes Frank Wilson e Xandy Carvalho ministraram, respectivamente, os componentes curriculares **Saberes e ocupações tradicionais: encontro de saberes e Cultura Brasileira e Dança - encontro de saberes**. Os dois componentes contaram com a participação efetiva de mestres e mestras populares e foram oferecidas para estudantes de graduação e pós-graduação em dança e de outras áreas da UFRJ, abertas também a outras instituições e coletividades externas (COSTA, GABRIEL, CAMARGO, ARAGÃO, BENITES, 2021).

A experiência piloto dos componentes curriculares vinculados ao Encontro de Saberes foi na Universidade de Brasília em 2010. O movimento cresceu e hoje reúne 16 universidades com a oferta de componentes curriculares, além da UnB, a saber: Universidade Federal Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Cariri (UFCA), Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Roraima (UFRR), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-

Brasileira (UNILAB); Universidade da Música de Viena e a Pontifícia Universidade Javeriana de Bogotá (CARVALHO, VIANNA, 2021).

Finalizando meuamadA amigo irmã e parceirE, precisamos contagiar nossos pares (e depois, ímpares) sobre o entendimento de Conteúdo Formativo para além dos espaços convencionados das salas de aula. Precisamos imprimir movimento às nossas salas de aula e assim, promover, de fato, salas móveis e moventes, ou seja, que se deslocam e promovem deslocamentos, no processo de formação continuada.

Para tanto, minha irmão querida, é urgente pensarmos juntEs na criação de espaços interativos entre as instituições/graduações e pós-graduações em dança, o que pode ser viabilizado por Centrais de Estágios Integradas e componentes curriculares interinstitucionais.

Todavia, em sinergia, torna-se fundamental pararmos de reproduzir a dicotomia nociva entre curricular e extracurricular. Tal dicotomia induz ao entendimento de que o processo de educação é fragmentado, dividido, ou seja, o que é curricular é formação e o que é extracurricular é um “a mais” na formação, que pode ser dispensado. Essa visão dicotômica segue na contramão de um entendimento amplo, pleno de currículo, condizente com a formação do ser humano integrado no/com os Mundos pelos quais transita, como agente capaz de agir sobre as suas realidades e transformá-las, não é verdade?

Vou me despedindo por ora, com muita saudade de você.

Continuamos juntEs na tessitura dessa linda, única e poderosa teia de afetos, que potencializa abraços revigorantes para seguirmos (re) existindo e existindo com todas as nossas forças!!

Beijo grande nesse lindo coração.

Katya.

Carta 3

Minha querida Katya, é sempre um prazer receber suas cartas tão poéticas, potentes e cheias de movimentos de cura e vida. Obrigado! Depois da leitura da sua benção, ou melhor, do seu ebo, fui tomado por um tanto de sensações e vontades. A primeira delas é dizer o quanto admiro essa sua trajetória e quanto quero, cada vez, mais estar próximo de tudo isso, principalmente naquilo que tange as mudanças necessárias

desse paradigma curricular confortável, digamos assim, que ainda impera nas nossas instituições.

Nesse sentido, fico entusiasmado de poder aprender e me nutrir dessas abordagens que consideram e validam os saberes tradicionais e orgânicos como conhecimentos necessários e emergentes dentro das instituições, sejam elas acadêmicas e/ou vinculadas a outros modos de expandir e disseminar conhecimentos. O Encontro de Saberes, idealizado pelo Prof. José Jorge de Carvalho é uma iniciativa maravilhosa e precisa ser difundida para todas as IES brasileiras e do mundo. Fiquei encantado de saber que o número de instituições envolvidas até o momento já é considerável, e mais ainda, em saber que já possuem duas instituições internacionais. Conheço muito pouco do projeto como um todo, mas desde que soube dele, tenho buscado me informar e conhecer mais e mais.

Meu encantamento ficou ainda maior quando soube que você está envolvida na sua realização junto à UFRJ. E mais ainda, de saber que o GrupAR é um dos propositores e gerenciadores da concretização e realização do projeto pelas bandas daí. Obrigado, mais uma vez, por me convidar e me inserir no grupo! Concordo plenamente com você sobre a importância e a possibilidade de pensarmos ações interinstitucionais no que diz respeito à inserção desses conteúdos, saberes e práticas em nossos cursos, tanto na graduação como na pós. Com isso no horizonte, preciso dizer que aqui na UFSM temos uma disciplina, do tipo Complementar de Graduação (DCG), idealizada e realizada por mim desde 2017, denominada Cultura Brasileira, Diálogos com a Dança. Essa disciplina tem como objetivo estabelecer diálogos entre experimentações em dança e as circunstâncias históricas e sociopolíticas que constituem a noção de identidade cultural brasileira. Com o intuito de gerar compreensões, questionamentos e elaborações sobre as especificidades da dança do/no/sobre o Brasil a partir de uma reflexão sobre alteridade, resistência cultural e identidade cultural numa relação direta com a pesquisa, criação e formação em dança/artes da cena. Trouxe essa proposta considerando minha experiência junto à Graziela Rodrigues na UNICAMP quando fiz meus Estágios de Docência durante o mestrado e doutorado sob a orientação desta grande mestra e artista da cena.

Dito isso, devo relatar também que as leituras de Simas e Rufino (2018), bem como de Rufino (2019) e do livro “ARRUAÇAS: Uma filosofia popular brasileira” (SIMAS, RUFINO e HADDOCK, 2020) têm me trazido um belo retorno a alguns encontros e projetado novas perspectivas para minha atuação como artista, docente,

pesquisador e servidor público. Mas, por ora, a principal motivação está calcada na emergência de assumir certos vocábulos, dinâmicas e práticas em minhas ações. Reconhecer a emergência de trazer para nosso cotidiano o uso adequado e preciso de palavras como encruzilhadas, macumbas, cruzos, encantamentos, assentamentos, ebos, mandingas, dentre outras, mostra e define com exatidão e sem receios nossos enlaçamentos e fidelizações. Ou seja, assumir do que e de quem e à qual narrativa estou próximo. Nesse sentido, sua carta veio como uma chuva de referências e/ou atualizações de algumas delas para mim. Foi como entrar no turbilhão de dança, vento, chuva e descarrego que me apresentou a urgência de uma guinada radical no âmbito de leituras. Minha amiga, você me pegou pela mão e me fez/faz atravessar, ou melhor, adentrar e reconhecer que habitar a encruzilhada indica e determina, como falado por Rufino (2019), praticar e fazer correr a pedagogia das encruzilhadas a partir de um rolê epistemológico completamente decolonial e, conseqüentemente, encantado e macumbeiro. Ou melhor, me fez sentir que preciso atualizar e destruir determinadas práticas ainda engendradas na minha estrutura formativa interna - calcada numa visão judaico-cristã – para assumir de vez o que Rufino (2019) afirma como uma Orixalidade, ou mesmo o que Xandy, Nego Bispo e você afirmam poderosamente como saberes orgânicos. O que você ainda teria para me dizer sobre tudo isso?

“Poder para poder fazer!” você bem disse na sua carta. Certa vez ouvi essa mesma frase dentro do coletivo e agora Associação Ara Dudu, grupo que tenho o prazer de acompanhar desde sua participação na Incubação Social da UFSM – finalizada em maio de 2021. Desde então, fico pensando o quanto ela é forte e nos conta mais e mais dessa história de apagamento e epistemicídio na história do Brasil. Os modos de fazer política e de estabelecer padrões ao longo desses mais de quinhentos anos de invasão, atualização e manutenção de hábitos coloniais tende, justamente, a criar um fluxo no sentido de destituir a força dos modos de existir e resistir. O poder indicado na sua frase traz a possibilidade de mudar as regras do jogo, ou melhor, de mudar inclusive o próprio jogo, pois essa noção de unicidade e de um saber homogêneo, instaurado e mantido pelo conhecimento hegemônico eurocêntrico ocidental, retira de todo a força daquilo que é multi e pluriversalizado. Ao dizer isso sou levado para as noções trazidas por Nego Bispo e que me foram apresentadas por você, principalmente no que diz respeito à compreensão de contra colonial, bem como de confluência e de transfluência. O poder aqui, assim interpreto e lhe peço que me corrija se for o caso, tem muito mais a ver com toda a relação de resistência e capacidade de transformar a dor da perda – pensando na

diáspora africana – e com isso buscar na terra e nas lembranças desse corpo que é terceiro os caminhos para a reinvenção do mundo e da própria vida.

Por fim, minha amiga, reforço meu desejo de estar cada vez mais próximo de você, do GrupAR e do Encontro de Saberes. Quem sabe a gente tenta pensar juntas e de fato na materialização de uma oferta interinstitucional dessas disciplinas e com isso eu vá conseguindo cavar um buraco para plantarmos alguma semente dessa rede aqui na UFSM! Tenho sentido que certos grupos e comunidades detentoras desses saberes orgânicos daqui da região, me parecem um pouco ressentidos e/ou até receosos diante de tantos descasos ou aproximações que reforçam essas dinâmicas de apropriação ou manutenção de atitudes etnocêntricas colonialistas. Com isso, o contato é sempre muito delicado e exige um cuidado redobrado para estabelecer relações dotadas de uma alteridade efetiva.

Sinto que minha carta já começa a trazer outras propostas e que materializam a urgência de seguirmos com nossas conversas e encontros.

Agradeço e peço a sua benção, minha irmã! E me despeço desejando dias tranquilos e cheios de muita luz, paz, amor, bem e muito axé! Saudades sempre e que possamos girar nossos corpos e saias o quanto antes e em segurança!

Saravá!! Laroyê!!

Flávio Campos

Carta 4

Meu amado irmão FlaviE, somos duas! Compartilhamos benções!

Ser abençoada pelas confluências que geramos juntas é um presente das forças divinatórias!!! Suas falas me envolvem em encantamentos, os quais me mobilizam para seguir com você, aproximando nossos fazeres e os Coletivos nos quais estamos inseridas. A admiração é então mútua, pois a sua trajetória e todas as apropriações e desdobramentos nos chacoalham e expulsam das zonas de conforto, nos deslocando em trânsitos contínuos por olhares outros, perspectivas outras, o que nos convoca a confluenciar, a transfluenciar, a girar, no processo de construção coletiva, em permanente fluxo.

Fico também muito instigada a conhecer mais de perto o seu trabalho em Santa Maria, centelha que foi acesa e não apagou desde quando fomos amigos de turma,

parceiros em trabalhos, durante o Doutorado na UNICAMP. Quero estar mais juntinho de você e dos Grupos com os quais confluencia.

Na verdade, toda essa vontade reside no fato de que temos anseios em comum, relativos às mudanças dos paradigmas curriculares ora prevalentes que afirmam dicotomias, enquanto precisam privilegiar dinâmicas do processo de formação integrado.

Esses anseios nos inspiram a assumir atitudes na construção de fatos e acontecimentos que descortinam nossas reais demandas para a reparação histórica dos corpos marginalizados pela discriminação, preconceito, opressão, racismo, incluindo, primordialmente, os corpos pretos, transexuais, homossexuais, corpos binários (homens e mulheres), corpos não binários (nem homens e nem mulheres), corpos velhos, corpos crianças, corpos indígenas, corpos com necessidades específicas. Esses corpos ainda precisam travar lutas nos movimentos sociais, políticos e culturais para se tornarem visíveis e audíveis no processo contra hegemônico diante dos corpos que vêm ocupando, historicamente, espaços de privilégios, às custas da subalternização daqueles corpos oprimidos.

É nesse contexto, que buscamos trazer à tona compartilhamentos das histórias não contadas, como no acontecimento **Corporeidades Pretas na EEFD**, conforme já comecei a compartilhar com você nas cartas em 2020. Como uma ação do GrupAR, o evento promoveu confluências acerca do Corpo Negro como protagonista nos espaços de formação. A ideia é que as 15 instituições interatuantes acolham este movimento e outros movimentos em dinâmicas itinerantes nos próximos semestres letivos. Em 2019/2 a instituição acolhedora foi a Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da UFRJ.

Um dos momentos mais marcantes foi a exibição do documentário **Um filme de Dança**, de Carmen Luz. O filme é uma obra partindo da pergunta: onde estão os negros na dança cênica brasileira? A obra traz com muita poesia, corpos negros donos da sua própria dança; celebridades artísticas. Um bom subtítulo para esse documentário seria: por uma outra história da dança brasileira (LUZ, 2013; GUALTER, BRÊTAS, 2020).

A exibição do filme, seguida de diálogos com a sua diretora, compôs também a finalização do **I Curso de Extensão em Danças Negras** (uma parceria entre a EEFD-UFRJ e o Coletivo NegraAção/RJ).

Frente a uma urgência no processo de formação nas Universidades, nas Escolas e nos demais ambientes e grupos sociais, fomos convocados a criar uma trama de

encontros pactuados entre Corporeidades Pretas em torno, principalmente, das questões nevrálgicas do preconceito racial e das técnicas corporais das danças do Mestre-sala, da Porta-bandeira e Porta-estandarte. A trama incitou provocações sobre a dimensão do Racismo na sociedade em que vivemos e, ao mesmo tempo, sobre a quebra das práticas corporais discriminatórias hegemônicas nesse âmbito. Foram, então, realizadas Rodas de conversa sobre Racismo Estrutural, Racismo e Desigualdade Sócio-espacial, Colonialidade de Saberes, com Mestres/as acadêmicos e Mestres/as populares do Rio de Janeiro, onde o ponto culminante foi o Módulo inaugural da Escola de Mestre-sala, Porta-bandeira e Porta-estandarte Manoel Dionísio, como um projeto interinstitucional GrupAR. O polo inicial foi na EEFD-UFRJ (GUALTER, COSTA, BRAGA, BARRETO DA SILVA, SILVA, 2020).

E assim, meu querida amigo irmãFlaviE, sigo girando naGestão, como contiguidade das salas de aula e dos laboratórios. Nesse modo de apropriação orgânico, o exercício da gestão se configura como sendo espaço de formação, sem dicotomias, fragmentações. Não deixo de ser artista docente para ser gestora, não deixo de ser gestora para ser artista docente, não deixo de ser mãe para ser arte-educadora, não deixo de ser, para ser... Ancestralidades se atualizam e mobilizam memórias nas experiências nas quais a Vida me envolve e revolve. É na soma, meu irmão, que nos empoderamos com a vitalidade dos corpos em danças de contágios, confluenciando nas vibrações das circularidades que nos inspiram a criar fluxos ininterruptos de saberes/fazer orgânicos.

Estamos agora (agosto/2021) nos articulando em compartilhamentos entre o Programa de Pós-graduação em Dança (PPGDAN), Cia Folclórica do Rio, Projeto Africanidade na Dança Educação (PADE) e GrupAR para o ***I Ciclo Confluências, Transfluências e Confluências UFRJ – Quilombos chamam...*** Nego Bispo e outros Mestres e Mestras populares compartilharão a aula inaugural do PPGDAN de 2021 e, na sequência, a terceira edição do componente curricular Encontro de Saberes na UFRJ, aberta aos corpos discentes das Graduações e Pós-graduação em Dança e áreas afins da UFRJ.

Penso que este pode ser um momento bastante propício para você, as turmas e projetos da Graduação em Dança da UFSM interagirem, creditando disciplina da Extensão ou Atividades Complementares, já começando a desenhar a adesão da UFSM ao Programa Nacional Encontro de Saberes.

Vou me despedindo por aqui, ressaltando que as nossas despedidas são sempre temporárias. Chegamos um na vida do outro e nos prolongamos continuamente entre nós e para além de nós mesmos, confluenciando com outros corpos. Ganhamos novos e novos contornos que jamais se esgotam, não cessam, porque somos corpos girantes; não paramos de girar.

Amor no coração, muita saúde, paz e força combativa!

*“Oh, gira! Deixa a gira, girar!
Oh, gira! Deixa a gira, girar!
Oh, gira! Deixa a gira, girar!
Oh, gira! Deixa a gira, girar!”*

Katya.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Flávio; GUALTER, Katya. **Encruzilhadas e Entrelaçamentos: Trocas Interinstitucionais**. In: TERRA, Ana ... et al. (org). Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? [recurso eletrônico] – Campinas: Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021. 1545 p. Disponível em:

<https://drive.google.com/drive/folders/1tBvQ6qzncUr5i17IiyvnFXgSxCWZowzb> .
Acesso em 10/08/2021.

CARVALHO, José Jorge; VIANNA, Leticia C. R. **O Encontro de Saberes nas Universidades. Uma síntese dos dez primeiros anos**. In: NETO, Edgar Barbosa; ROSE, Isabel Santana de; GOLDMN, Marcio (Orgs). Encontro de Saberes: Transversalidades e Experiências n. 9 (2021)/ Programa de Pós-graduação em Antropologia Social – Universidade Federal de Alagoas. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/index>. Acesso em 10/08/2021.

COSTA, Samira Lima da; GABRIEL, Eleonora; CAMARGO, Daniel Renaud; ARAGÃO, Karen Joyce Lyrio; BENITES, Sandra. **Encontro de Saberes na Universidade Federal do Rio de Janeiro: uma Experiência com Mestres e Mestras Guarani Mbya**. In: NETO, Edgar Barbosa; ROSE, Isabel Santana de; GOLDMN, Marcio (Orgs). Encontro de Saberes: Transversalidades e Experiências n. 9 (2021)/ Programa de Pós-graduação em Antropologia Social – Universidade Federal de Alagoas. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/11013> Acesso em 10/08/2021

DAMASCENO, Tatiana Maria; GUALTER, Katya Souza; SANTOS, Alexandre Carvalho dos; SILVA, Raphael Luiz Barbosa da. **OJÚ ARA DUDU : Corpo Negro - Memórias em movimento**. In: *Anais do VII Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança- ANDA*. Salvador: ANDA, 2021. No prelo

DAMASCENO, Tatiana Maria; SANTOS, Alexandre Carvalho dos. **PADE: BARAFUTURISMO**. In: *Dança e diáspora negra: poéticas políticas, modos de saber e*

epistemes outras. CONRADO, Amélia Vitória; ALCÂNTARA, Celina Nunes de; FERRAZ, Fernando Marques Camargo; PAIXÃO, Maria de Lourdes Barros da. (Orgs). Coleção Quais danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo. Salvador: ANDA, 2020.p. 53 – 64. Disponível em: <https://portalanda.org.br/wp-content/uploads/2020/12/ANDA-2020-EBOOK-6-DAN%C3%87A-E-DI%C3%81SPORA.pdf>. Acesso em 10 de agosto de 2021.

GUALTER, Katya Souza; COSTA, Samira Lima da; BRAGA, Marília Rameh Reis de; BARRETO DA SILVA, Renato Mendonça; SILVA, Raphael Luiz Barbosa da. **Corporeidades pretas em trânsito: expandindo e firmando territórios.** In: Dança e diáspora negra: poéticas políticas, modos de saber e epistemes outras. CONRADO, Amélia Vitória; ALCANTARA, Celina Nunes de; FERRAZ, Fernando Marques Camargo; PAIXÃO, Maria de Lourdes Barros da. (Orgs). Coleção Quais danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo. Salvador: ANDA, 2020. p. 646 - 662. Disponível em: <https://portalanda.org.br/wp-content/uploads/2020/12/ANDA-2020-EBOOK-6-DAN%C3%87A-E-DI%C3%81SPORA.pdf> Acesso em 10 de agosto de 2021.

GUALTER, Katya Souza; BRÊTAS, Angela Gomes dos Santos. Corporeidades Pretas na EEFD. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SPNbVMkO-s4&feature=youtu.be> Acesso em 12 de agosto de 2021.

LUZ, Carmen. **Um Filme de Dança.** Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://vimeo.com/66777139> teaser. Acesso em 10 de agosto de 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala?** São Paulo. Editora Grupo Editorial Letramento, 2017.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019. 164 p.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: modos e significações.** INCTI/CNPq: Brasília, 2015. 150p.

SANTOS, Alexandre Carvalho dos. **Dança de terreiro de candomblé corpo ancestral em movimento.** *Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança- ANDA.* Salvador: ANDA, 2019. p.1925-1936. Disponível em <https://proceedings.science/anda/anda-2019/papers/danca-de-terreiro-de-candomble-corpo-ancestral-em-movimento> Acesso em 10 de agosto de 2021.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no Mato. A Ciência Encantada das Macumbas.** Rio de Janeiro. Editora Morula Editorial, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. HADDOCK-LOBO, Rafael. **Arruaças: uma filosofia popular brasileira.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. 200 p.